

# **Puebla – 40 Anos: Resistência e Colegialidade Sinodal na América Latina**

## **Puebla – 40 Years: Resistance and Synodal Collegiality in Latin America**

*Alzirinha Rocha de Souza<sup>1</sup>*

### **RESUMO**

Em 2019, celebramos os quarenta anos da III Conferência Geral do CELAM, realizada em Puebla de los Ángeles, em 1979. A importância dessa conferência se dá não só pelo seu conteúdo, mas pelo esforço colegial por parte de seus participantes em guardar as direções dadas por Medellín para a Evangelização em América Latina. Puebla ganha sua importância porque soube guardar em um ambiente adverso, a linha teológica e pastoral com a conferência precedente de Medellín, relevando a força da colegialidade dos Bispos latino-americanos. Nosso objetivo em este artigo é apresentar os elementos históricos e teológicos que constituíram e permitiram a expressão de colegialidade sinodal, à luz da tomada de consciência da identidade própria da Igreja no continente Latino-americano.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Colegialidade; Medellín; Puebla; Pastoral; Evangelização.

### **ABSTRACT**

In 2019, we celebrated the forty years of the III General Conference of CELAM, held in Puebla de los Angeles in 1979. The importance of this conference is due not only to its content but to the collegial effort of its participants to keep the given directions by Medellín for Evangelization in Latin America. Puebla gained its importance because it knew how to keep in an adverse environment the theological and pastoral line with the previous conference of Medellín,

---

<sup>1</sup> Pós-doutora em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP, 2019), doutora em Teologia pela Université Catholique de Louvain – UCL (Bélgica, 2014,) mestrado pela Universidad San Dámaso (Madrid 2009), graduação em teologia pela Universidade Católica de São Paulo (PUCSP, 2007). Membro da Sociedade Internacional de Teologia Prática (SITP). Professora convidada da Universidade Católica Portuguesa (UCP) Lisboa, onde é Membro da Comissão de Qualidade da Faculdade de Teologia (2022-2025). Líder do Grupo de Pesquisa José Comblin PUC/SP. Participante no Grupo de Pesquisa Teologia Pública em contexto latino americano PUC/PR. Fundadora e colaboradora do Centro de Pesquisa e Documentação José Comblin – Unicap ([www.unicap.br/comblin](http://www.unicap.br/comblin)). Professora e pesquisadora do ANIMA PUC Minas do NECT Núcleo de Estudos Comunicação e Teologia e do Instituto São Paulo de Ensino Superior em São Paulo (ITESP).

highlighting the strength of the collegiality of the Latin American Bishops. Our goal, through this article, is to present the historical and theological elements that constituted and allowed the expression of synodal collegiality, under the light of the awareness of the Church's own identity in the Latin American continent.

## KEYWORDS

Collegiality; Medellín; Puebla; Pastoral; Evangelization.

## Introdução

Uma análise histórica detalhada nos permite perceber que, embora a vida eclesial e as vias teológicas nos pareçam cíclicas, a Igreja avança em função de seu tempo. No caso das Conferências Episcopais, o elemento comum que é observado na história da Igreja é que grupos de bispos em certas regiões desejaram se organizar para conjuntamente fazer face aos desafios pastorais de cada época.

É a partir deste escopo inicial que trataremos neste texto do tema da “colegialidade sinodal” nas conferências do CELAM, centrando-nos especialmente em Medellín e Puebla. Não pretendemos retomar a história da formação das Conferências Episcopais e os debates que foram sendo desenvolvidos sobre elas ao longo do tempo, tangendo ao seu reconhecimento jurídico e fundamentação teológica. Queremos, antes, revelar o elemento que, em nossa opinião e a propósito da América Latina, foi essencial desde as primeiras comunidades até nossos dias: a colegialidade episcopal como uma expressão da sinodalidade da Igreja para traduzir o desejo de estar em conjunto como Povo de Deus.

Para tanto, organizamos nosso artigo em três momentos. No primeiro, tratamos das diferentes formas de ser Igreja e do termo “colegialidade sinodal”; na sequência, apresentaremos elementos sobre o “caso do CELAM” para, finalmente, abordarmos os elementos da colegialidade em Medellín e Puebla.

## 1. As diferentes maneiras de ser Igreja

Conciliaridade, sinodalidade, colegialidade e catolicidade são maneiras de ser Igreja que se referem ao sentido de Igreja em longo prazo. Esse sentido remonta a São Paulo e às fontes das comunidades cristãs, tendo origem na palavra que a democracia grega emprega para exprimir a forma de discernir e decidir: *ekklesia* ou assembleia<sup>2</sup>.

Do ponto de vista da igualdade entre os filhos de Deus, constata-se que a Igreja dos primeiros séculos foi estruturada segundo a consciência da memória apostólica herdada da primeira geração em que cada um se sentia sucessor e pertencente à comunidade eclesial. As relações não eram estabelecidas pela hierarquia, mas diretamente vinculadas ao *sensus fidei* e ao *sensus fidelium*, que nascem do sentido público e se fazem reconhecidos pela lei canônica<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> COMBLIN, J. A Igreja e os carismas segundo São Paulo. In: *Movimento*. Também somos Igreja, Santiago, 2009. p. 2.

<sup>3</sup> GUTIÉRREZ, G. *El principio de subsidiaridad y la igualdad radical de los fieles*. *Ius Can* 11, p. 437-443, 1971. p. 437.

Por ignorar a opinião comunitária, uma cisão foi estabelecida entre a colegialidade enquanto grupo de pessoas que tem o poder sobre a Igreja Universal e a comunhão das Igrejas entre si<sup>4</sup>. O fato determinante da ruptura entre as diferentes formas de ser Igreja teve lugar quando a ordenação episcopal passou de um aspecto sacramental a sacramentário sem que a assembleia da Igreja local exercesse uma função e também sem que houvesse efetivamente uma Igreja local. Toda a participação da Igreja na escolha de um bispo foi abolida pelo Código de Direito Canônico de 1917 (Can. 329,2), o que levou à compreensão do poder “sobre” a Igreja, e não mais “dentro” dela. Nesse sentido, o poder passou a ser mais importante que a comunhão e não foi a reforma de 1983 que esclareceu ou resolveu esta questão.

A Constituição *Lumen Gentium* (LG, 22) se pronuncia sobre o tema, mas não contribui efetivamente para o seu avanço. Contudo, a organização e o desenvolvimento das Conferências Episcopais que se seguiram a partir da LG foram marcados por uma grande experiência colegial que contribuiu enormemente para a retomada do caráter pastoral destas, apesar das interferências históricas.

### ***a.1. Colegialidade Eclesial***

Etimologicamente, o termo “sinodalidade” significa “caminhar juntos”. Em nossa reflexão, ele é considerado em seu sentido mais amplo que, favorecendo a Igreja local, não se limita a ela e engloba o que chamamos de “colegialidade episcopal” ou até mesmo todas as relações de fiéis dentro da Igreja. Esse termo deve igualmente ser compreendido dentro do sentido de uma sinodalidade “informal”, o que não exclui a necessidade das instituições que garantem a presença e a organização dos diferentes sujeitos dentro dessa marcha comum<sup>5</sup>.

Eis a razão pela qual afirmamos que a *colegialidade episcopal* está situada dentro da *sinodalidade eclesial*, que pode ser traduzida como o resultado de um mútuo “dar e receber” entre todos os membros da comunidade, dentro do respeito dado a cada um no seio da Igreja<sup>6</sup>. Segundo o Concílio Vaticano II, a Igreja, que é *una* e única, realiza-se dentro da comunhão entre as Igrejas locais que são constituídas como Povo de Deus, essência primordial da Igreja em relação a toda forma eclesial institucional e “institucionalizante”. E é nessa larga perspectiva que situamos aqui as Conferências Gerais do CELAM, em especial as de Medellín e Puebla.

## **2. O caso do CELAM**

É recorrente a confusão que se faz entre o Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) e as Conferências Gerais, as cinco que foram realizadas até agora e que tiveram lugar sucessivamente nas seguintes cidades: Rio de Janeiro, Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida. Com efeito, essas assembleias são de grupos episcopais ou *coetus episcoporum*, que

<sup>4</sup> BRIGHENTI, A. *A Igreja e a colegialidade*. As conferências episcopais nacionais à luz do Vaticano II. Disponível em: <http://intranet.redeclaretiano.edu.br>. Acesso em: 20/12/2018. p. 55.

<sup>5</sup> BORRAS, A. Sinodalità ecclesiale, processi partecipativi e modalità decisionali. In: SPADARO, A; GALLI, C. (eds.). *La Reforma e le riforme nella chiesa*. Brescia: Querinianna, 2016. p. 212.

<sup>6</sup> ANTON, A. *Conferencias episcopales*. ¿Instancias intermedias? El estado teológico de la cuestión. Salamanca: Sígueme, 1989. p. 390.

têm o mesmo fundamento teológico das Conferências Episcopais, isto é, a comunhão entre as Igrejas particulares, a colegialidade dos bispos, a solicitude para com a Igreja universal e outras Igrejas, bem como a responsabilidade pela missão evangelizadora da Igreja<sup>7</sup>.

Contudo, do ponto de vista do Direito Canônico, seu estatuto é inexato em relação às Conferências Episcopais, aos conselhos particulares ou ainda em relação ao próprio CELAM. As Conferências Gerais não são organismos permanentes e não preveem uma regularidade em sua convocação. Pelo contrário, elas acontecem quando convocadas pela Santa Sé. Elas também não são conferências legislativas. Mesmo havendo um consenso entre os bispos participantes, que deve ser ratificado pela Santa Sé, elas não apresentam conclusões restritas. Além disso, elas não têm um regulamento permanente e seu funcionamento muda de assembleia em assembleia. Contudo, há certamente em cada uma delas uma grande representação das Igrejas nacionais<sup>8</sup>.

Felizmente e apesar de todas as dificuldades históricas, essas ambiguidades jurídicas e teológicas não são refletidas no trabalho teológico e pastoral que elas propõem e que foi desenvolvido a partir de cada conferência. De fato, considerando a importância pastoral, os bispos e os papas que aí participaram deram a seus documentos um *status* importante, impulsionando implícita e explicitamente uma grande coerência com vistas a suas aplicações.

Esses documentos tornaram-se finalmente um verdadeiro lugar de convergência, de preocupações, de esperança e de proposição para a América Latina. Por essa razão, eles tomaram importância na vida concreta da Igreja do continente. Eles foram, ainda, efetivamente recebidos e qualificados sem problemas como um ensinamento latino-americano, tanto pela Santa Sé como por outras Igrejas dispersas no mundo. Contudo, para nós, o mais importante é que, através dessas conferências, a expressão colegial dos bispos, dos padres, dos conselheiros, dos papas e do Povo de Deus permitiu imprimir a identidade pastoral e teológica da Igreja da América Latina.

Em termos históricos, pode-se realmente ver como as Conferências Gerais do CELAM conseguiram, graças ao exercício colegial de seus membros, revelar a face mais eminente do catolicismo na América Latina. Através delas, os bispos, os teólogos e os conselheiros propuseram as novas vias de evangelização a ser desenvolvidas no continente. A partir das discussões pastorais, realizou-se de maneira evolutiva uma análise profunda dos fatores sociais, políticos, econômicos, culturais, religiosos e eclesiais a cada Conferência Geral, de acordo com seus contextos próprios. Das cinco conferências realizadas, vamos deter-nos neste artigo nas de Medellín e Puebla, sucessivamente, por considerar o Conferência do Rio de Janeiro, como formal e administrativa.

De fato, a primeira Conferência Geral realizada no Rio de Janeiro, em 1955, não marcou fortemente a Igreja. Seu caráter mais formal e as preocupações que a ocuparam estavam ligados à constituição mesma do CELAM, cujas características ainda não eram claras, bem como não o era a questão sobre “o que” deveria ser uma Conferência Episcopal. Ela se mostrará tímida em relação à questão pastoral, item que será o marco das conferências seguintes.

O elemento marcante da I Conferência Geral do CELAM foi finalmente o contexto vivido pela Igreja de Pio XII, preocupada com a necessidade de aumentar à sua maneira a ação

<sup>7</sup> LAGORRETA, J. Las conferencias episcopales en el debate teológico conciliar. *Revista Iberoamericana de Teología*, vol. VII, nr. 13, p. 31-55, jul-dez, 2011. p. 53.

<sup>8</sup> LAGORRETA, 2011, p. 54.

evangelizadora da Igreja, para a qual estimava “combinar um plano e métodos concretos para levar bem, com cuidado e competência, tudo o que as necessidades do tempo exigem”<sup>9</sup>, como explicado por ele em sua carta *Ad Ecclesiam Christi*, de 29 de junho de 1955, quando da convocação da assembleia. Nesse sentido, a conferência se preocupou em realizar os seus trabalhos estritamente vinculados ao seu tema central (*A evangelização enquanto defesa da fé e das vocações e a formação do clero*), em detrimento da eclesiologia social. Ao final, essa conferência se interessou primeiramente pelos problemas intraeclesiais.

### 3. A Conferência de Medellín (1968)

Bem diferente foi o contexto de realização da II Conferência Geral do CELAM, realizada em Medellín em 1968. Costuma-se dizer que, se essa conferência não é o ato de nascença do CELAM, é ao menos o batismo da Igreja latino-americana, ao passo que a de Puebla será sua confirmação<sup>10</sup>.

Medellín acontece na esteira de grandes mudanças, não somente as eclesiais, mas as do mundo que nesse momento se encontrava em ebulição. Os eventos de maio de 1968 em Paris são simbólicos e marcam o cume de uma série de transformações sociais, culturais, políticas e filosóficas que emergiram no final dos anos 1950 por todo o mundo, inclusive na América Latina.

Em termos eclesiais, Medellín vem na esteira do Concílio Vaticano II, terminado três anos antes e que buscou, apesar de suas limitações, o *aggiornamento*, a atualização da Igreja e sua reaproximação com o mundo real daquela época. Apesar da tensionalidade que se apresentava perante a Igreja entre as diferentes linhas de compreensão (estabelecidas no Concílio) do que seria o “mundo atual”<sup>11</sup>, o elemento da aproximação com as realidades concretas foi abraçado pelos bispos da América Latina. De fato, eles somente efetivaram em Medellín o que já vinham realizando, ainda que “informalmente”: a aproximação com as questões concretas do continente através do trabalho de teólogos(as) que constituíram a Teologia da Libertação.

Dentro de um contexto de lutas e revoluções, de golpes de estado militares e de movimentos estudantis, bem como do agravamento da situação dos direitos humanos, o imperativo mais difícil eram a transformação e a construção de um novo mundo. E o Episcopado latino-americano não poderia ficar indiferente a essas importantes questões nem ao “grito ensurdecido” de milhões de homens que demandavam a seus pastores uma entrega que não se via em parte alguma (MD,14.1-2).

A realidade social e econômica que permeia Medellín traduziu o seu tempo. No processo de aproximação com a realidade, a Igreja encontrou no final dos anos 1950 e no começo dos 1960 um mundo em ebulição. Se na Europa os populismos se haviam dado por “extintos”, na América Latina (no âmbito político-social) acontecia o movimento contrário. Governos estimularam as consciências nacionalistas e o desenvolvimento industrial com o objetivo de beneficiar os burgueses nacionais e as populações urbanas através do conhecido padrão de dependência de capital associado aos países ricos, o que reforçava a exclusão da maioria da população.

<sup>9</sup> AGOSTINI, N. *As conferências episcopais*. São Paulo: Santuário, 2007. p. 16.

<sup>10</sup> MANZATTO, A. As primeiras conferências do CELAM. *Vida Pastoral*, p. 3-8, jul-ago de 2006. p. 3.

<sup>11</sup> MOINGT, J. *Faire bouger l'Église*. Paris: DDB, 2012. p. 127.

A ordem do dia passou a ser a grande mudança de uma sociedade rural a uma sociedade cada vez mais urbanizada, sem oferecer uma estrutura de igualdade e possibilidades às pessoas. Por trás dessa situação, estava o projeto de desenvolvimento econômico e social chamado pelos Estados Unidos de *Aliança para o progresso*, globalmente conhecido pelo aumento das desigualdades existentes<sup>12</sup>. Essa situação de exclusão econômica e social provoca mobilizações nos países latino-americanos e a reivindicação de transformações profundas que o mundo igualmente demandava.

No final dos anos 1960, com a crise do populismo e do modelo de desenvolvimento, cresce o modelo socialista. Ele passa a ser a base estrutural de reflexão e compreensão das causas do desenvolvimento e subdesenvolvimento e suas consequências concretas na vida dos povos, em contraposição aos países europeus e norte-americanos, que estavam comprometidos com um processo de desenvolvimento baseado na desigualdade, colocando em evidência os benefícios aproveitados pelos países desenvolvidos e centrais enquanto os prejuízos eram reservados aos países periféricos. Na América Latina, esse movimento foi marcado profundamente pela Revolução Cubana de 1959, que estimulou também os diversos movimentos de resistência nascidos nos países desse continente<sup>13</sup>.

O movimento eclesial no momento de Medellín é significativo. Paralelamente entre os anos 1950 e 1960, uma grande corrente renovadora soprará em alguns espaços do ambiente eclesial, assumindo um novo posicionamento de seu trabalho missionário e evangelizador, e contando com o engajamento dos leigos nos trabalhos sociais, ao passo que padres e bispos mais carismáticos se comprometem com o avanço e a modernização.

Alimentados pelas teorias das novas correntes nascidas na Europa que se aproximavam das realidades do mundo e suas demandas – tais como a *Teologia das realidades terrestres* de Gustave Thils, o *Humanismo integral* de Jacques Maritan, o *Personalismo* de Emmanuel Mounier e a *Evolução progressista* de Teilhard de Chardin, aliadas às reflexões sobre as dimensões sociais dos dogmas de Henri de Lubac, à *Teologia do laicato* de Yves Congar e ao trabalho eclesiológico de Marie-Dominique Chenu –, novos movimentos teológicos eclodem pelo mundo.

Na América Latina, as mudanças vieram através da Ação Católica e dos Movimentos de Educação de Base (MEB), baseados na pedagogia de Paulo Freire de conscientização pela educação; das Escolas Radiofônicas e, finalmente, das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). De fato, a necessidade de compreensão da realidade levou à reorganização eclesial com o nascimento das Conferências Episcopais.

No Rio de Janeiro, em 1955-1956, nasce o CELAM (Conselho Episcopal Latino-Americano), reforçando o interesse de organização continental. Sua criação foi fundamental para a tomada de consciência eclesial comum, para o sentimento de integração latino-americana e para uma busca comum de soluções e desafios aos problemas a partir da fé cristã, notadamente através de levantamentos sociogeográficos realizados pela Federação Internacional dos Institutos de Pesquisas Sociais e Socioreligiosas (FERES – Suíça), de François Houtart; pelo ILADES (Instituto Latino-Americano de Desenvolvimento), e pelo Centro de Desenvolvimento Econômico de Bogotá.

Quanto à religião (e aqui tratamos do termo *religião*, dada a característica ecumênica des-

<sup>12</sup> MICCOLI, G. *Le pontificat de Jean-Paul II*. Un gouvernement contrasté. Bruxelas: Lessius, 2012. p. 36.

<sup>13</sup> MICCOLI, 2012, p. 36.

tes anos), nasce de maneira geral uma grande inquietude pelo distanciamento entre a pastoral tradicional e as novas necessidades do povo cristão inseridas na mudança social. O desejo de renovação pastoral e institucional era intenso nos espaços ocupados pela Ação Católica, especializada em Encíclicas Sociais, que exercia forte influência em setores importantes do laicato, do clero e dos bispos. Buscava-se uma pastoral mais intensiva, a partir de uma formação política e social para uma Igreja que deveria voltar a ser fermento na massa e servidora do mundo, independentemente dos poderes civis instituídos.

### 3.1. *A colegialidade episcopal em Medellín*

É dentro desse contexto que em Medellín a colegialidade episcopal se revelou quando, na presença do Papa Paulo VI, em sua primeira viagem à América Latina, os bispos em conjunto tiveram a oportunidade de refletir, discutir e programar a ação da Igreja sobre o continente. Nesse sentido, a segunda conferência se realizou conforme a Constituição *Lumen Gentium*, que evidenciava a colegialidade episcopal através da solicitude dos bispos, que, como sucessores dos apóstolos, formam um Colégio Episcopal (LG,22).

Logo, Medellín não foi somente uma reunião de bispos, mas uma reunião em que a voz dos bispos se fez ouvir. Olhando a Igreja “dentro da transformação atual da América Latina à luz do Concílio”, segundo seu tema, os bispos puderam ver a realidade eclesial e a realidade do povo do continente, e souberam fazer eco delas através de seus pastores e representantes de diversos setores da vida eclesial<sup>14</sup>.

Assim, em Medellín, foi na condição de pastores que os bispos da América Latina e do Caribe se reuniram, refletiram sobre sua missão e a vida da Igreja para o continente. Nisso se manifestou sua colegialidade, que não reside unicamente no fato de que era um grande número reunido, mas porque os que ali estavam assumiram em conjunto e enquanto sucessores dos apóstolos a responsabilidade da Igreja como líder na América Latina e no mundo. Segundo Manzatto: “Pode-se dizer o mesmo das conferências que se seguiram, mesmo se elas tiveram em certos momentos interferências exteriores, sobretudo no pontificado de João Paulo II, depois da Conferência de Santo Domingo”<sup>15</sup>.

Ora, somente a transformação profunda da sociedade naquele momento permitiria chegar à paz e superar a injustiça social enraizada em todos os espaços: não era suficiente propor e identificar, era necessário assumir a luta dos pobres pela transformação social estando ao seu lado. E foi bem ao lado dos pobres que em Medellín a Igreja latino-americana se engajou a trabalhar.

Esse trabalho foi desenvolvido a partir de dois importantes elementos: 1) a valorização da ação política, e 2) as CEBs. O primeiro foi uma das grandes preocupações da Igreja durante os anos que se seguiram a Medellín e tornou-se uma marca da evangelização na América Latina. Trata-se de pensar o social e a sua organização para beneficiar os pobres através de mediações que operacionalizem as boas intenções e as realizem efetivamente. É necessário agir como cristãos e a política é uma maneira privilegiada de viver a caridade. As CEBs (segundo elemento) tornaram-se espaços importantes de avaliação dos meios populares, de formação para a compreensão das situações reais à luz do Evangelho; espaços em que o Povo de Deus, a partir da

<sup>14</sup> MANZATTO, 2006, p. 4.

<sup>15</sup> MANZATTO, 2006, p. 6.

escuta da Palavra, da prática sacramental, associava a vida à fé em busca de uma transformação de si mesmo e de seus contextos.

Três características são marcantes ao final dessa conferência. A primeira característica foi a formulação de uma missão específica e conjuntural da Igreja na América Latina a partir de situações históricas vividas pela população do continente, das quais nascem sua carga antropológica e um caminho de reflexão teológico-pastoral de caráter indutivo. Nessa perspectiva, reconhece-se a influência da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (GS) e da Encíclica *Populorum Progressio* (PP) quando a conferência assume a realidade latino-americana e seus processos históricos, discernindo seus valores, suas ambiguidades e seus pecados como parte da História da Salvação e uma via para a experiência cristã e sua missão. É o esforço mais sério dentro da história da Igreja na América Latina a fim de encarnar o Evangelho na história<sup>16</sup>.

A segunda característica é seu recurso à categoria dos Sinais dos Tempos, claramente inspirado da GS. Esse tema, tomado de maneira ampla e universal pelo Concílio, foi traduzido como “o” Sinal dos Tempos na América Latina. Os bispos, a partir da análise de todos os estudos preparados pelas comissões do CELAM e construídos sobre a realidade social do continente, privilegiaram como Sinais dos Tempos na América Latina as injustiças e o processo de desumanização social. Dessa constatação provém o chamado à Igreja para que ela retome sua tradicional luta histórica, de maneira claramente crítica e liberadora, contra o que Medellín chamará de pecado social, que se traduz numa opção de evangelização e libertação integral dos povos oprimidos do continente. Essa síntese entre história e graça toma forma progressivamente com o nome de “evangelização libertadora”<sup>17</sup>. Esse tipo de evangelização é marcado por uma das dimensões ou linhas gerais do Concílio: a Igreja como servidora do mundo. Isso se exerce de maneira integral no temporal e no espiritual pelo meio da evangelização. Trata-se de uma síntese conciliar na qual os bispos compreendem que o serviço da Igreja no continente se caracteriza pelo serviço à libertação cristã dos pobres. O mundo da GS, que será privilegiado na América Latina, é o mundo dos pobres e marginalizados.

Por fim, a terceira característica de Medellín é a valorização da Igreja latino-americana em nível local, o que consiste em salvar cada Igreja com sua própria personalidade e suas riquezas no interior da comunhão católica. Assim, é a partir da eclesiologia conciliar, em que cada Igreja local enriquece a Igreja universal e vice-versa, que Medellín faz a tradução da comunhão eclesial para o contexto latino-americano, por meio da amplificação da leitura eclesiológica.

Medellín afirma uma linguagem pastoral da percepção das raízes intelectuais e históricas, que são a base da Igreja local e da diversidade das Igrejas, para melhor descobrir seu entorno. Ela não só reconhece de maneira ampla e oficial as características da Igreja local no continente, mas realiza também uma pastoral ligada à vida cristã dessas Igrejas. É a partir desses elementos que Medellín apresenta as bases para o desenvolvimento do tema do pluralismo religioso e da religiosidade popular. Lá foram postas as bases para dois elementos novos e importantes. Uma nova base de trabalho colegial e uma nova forma de evangelização para o continente.

<sup>16</sup> GALILEA, S. Exemple d’une réception “sélective” et créative du concile : l’Amérique latine aux conférences de Medellín et de Puebla. In: ALBERIGO, G.; JOSSUA J-P. *La réception de Vatican II* (Collection Cogitatio fidei 134). Paris: Cerf, 1985. p. 90.

<sup>17</sup> MALLEY, F. Les enjeux de la théologie de la libération. In: LADRIÈRE, P; LUNEAU, R. (dir). *Retour de Certitudes. Événements et orthodoxie depuis Vatican II*. Paris: Le Centurion, 1987. p. 69.

## 4. A Conferência Geral de Puebla

Costuma-se afirmar que a Conferência de Puebla confirmou e se manteve em linha com Medellín, como se não houvesse nela uma identidade própria. De fato, Puebla acontece em contexto bastante diferente de Medellín, que influenciou não somente sua organização como também seu conteúdo. Contudo, não se pode esquecer que, passados dez anos, a Teologia da Libertação se encontra em sua fase de consolidação (estruturada e sistematizada)<sup>18</sup>. Logo, creio poder afirmar que, pelo contrário, é justamente o contexto de Puebla que lhe dá uma identidade de conteúdo e de expressão de colegialidade mais intensa entre seus participantes. Expressão de colegialidade na diversidade é mais valorosa que as dadas em contexto de consenso.

### 4.1. O contexto de Puebla

Puebla acontece no auge da primeira crise declarada entre a Cúria Romana e o CELAM. De fato, quando Pio XII aprovou a criação do CELAM, ele abriu ao mesmo tempo um espaço para dar voz a outro tipo de Igreja, marcada pela contextualização e pelo desejo de independência de pensamento e de proposições próprias para seu caminho de evangelização e atuação. Não por outra razão, a Cúria Romana desde sempre tentou controlar o CELAM e não foi diferente no contexto de Medellín e Puebla. Contudo, ela não conseguiu fazer desaparecer um fato que é irreversível: construiu-se uma consciência latino-americana própria, e essa voz da consciência, uma vez acordada, ninguém cala<sup>19</sup>.

Foi justamente essa voz interna do Povo de Deus na América Latina, juntamente com a voz da colegialidade dos bispos, que fez com que, apesar de todos os esforços contrários, Puebla se realizasse e se mantivesse em linha com Medellín. Por isso, muitas vezes, na consciência geral, Medellín e Puebla são consideradas quase um evento único, um em sequência do outro.

De fato, as duas conferências relidas apresentam pontos comuns. O primeiro, marcante e essencial, foi a tomada de consciência, bem como a afirmação da identidade própria da Igreja latino-americana nascida em Medellín e mantida em Puebla.

Seguindo a tendência da virada hermenêutica do fazer teológico no final dos anos 1950 e a abertura dada pelo pensamento conciliar, nasceram as chamadas teologias de periferia em oposição às teologias de centro. Aos teólogos latino-americanos, restara-lhes a possibilidade de escolher entre: 1) seguirem uma tendência conservadora que era ligada ao passado e idealizava a cristandade, enfatizando valores intraeclesiais (neointegrismo); 2) deixarem-se levar pelas ideologias desenvolvimentistas, numa ótica liberal e progressista europeia, colocando a esperança no desenvolvimento técnico do futuro, ou 3) seguirem um caminho próprio, opondo-se a um certo integrismo e progressismo interessados pela sua hegemonia. Finalmente, optaram por uma teologia que respondia com realismo à situação do continente<sup>20</sup>.

<sup>18</sup> BRIGHENTI, A. *Raízes da epistemologia e do método da Teologia da Libertação*. O método ver-julgar-agir e as mediações da teologia latino-americana. Tese de doutorado. Louvain-la-Neuve, Université Catholique de Louvain, 1993.

<sup>19</sup> COMBLIN, J. Puebla vinte anos depois. *Perspectiva Teológica* 31, p. 201-222, 1999. p. 203.

<sup>20</sup> COMBLIN, J. Le thème de la libération dans la pensée chrétienne latino-américaine. *Revue nouvelle*, p. 560-574, mai-jun 1972. p. 560.

Talvez até possamos afirmar que foram as exigências e as dificuldades da realização de Puebla que levaram os bispos realmente a assumirem a identidade latino-americana frente à pressão realizada pela Cúria Romana. De um lado, a América Latina descobre que a Cúria Romana tomava por Igreja universal a Igreja europeia em expansão no mundo inteiro, e não a realização da universalidade pensada por Jesus; de outro lado, a Europa descobriu que sua própria Igreja era particular e não representava sozinha a universalidade.

O segundo ponto comum é que ambas as conferências foram à sua época “um fato novo” para a Igreja romana. A forma de fazer teologia se alterara e revelaram-se outras vozes distintas das vozes romanas. O novo estava em ser distinto, em pensar a partir de outro paradigma e, apesar dos mecanismos de controle estabelecidos, a Cúria não conseguiu fazer desaparecer o desejo de manutenção de identidade da Igreja latino-americana.

O terceiro elemento comum é que ambas as conferências colocaram a Palavra do Evangelho na concretude da história. Isso causou, certamente momentos de conflito porque, ao tocar necessariamente em pontos concretos da realidade, orientava os cristãos na realidade de cada dia e porque abriu possibilidades de iniciativas missionárias e pastorais específicas e criativas que permitiram a aparição de leigos, permitindo também que os agentes de pastoral e missionários descobrissem métodos, ações e soluções próprias, e não reproduzissem simplesmente elementos de outros contextos<sup>21</sup>. Nesse sentido, Medellín e Puebla despertaram na África e na Ásia a consciência de que também suas Igrejas tinham caracteres particulares, nascendo daí o diálogo entre as Igrejas do então chamado Terceiro Mundo, hoje Sul global<sup>22</sup>.

#### 4.2. *O acontecimento latino-americano de Puebla*

Além dos elementos convergentes com Medellín, Puebla representa um “fato novo” para a Igreja da América Latina por ter resistido e vencido suas graves divergências internas, dadas pelo momento social, político e sobretudo eclesial do CELAM. Puebla “nasce” no ambiente do novo CELAM desde 1973, em Sucre (Bolívia), quando da reunião extraordinária do CELAM, cuja diretoria foi renovada. Comblin afirma que:

(...) ali se produziu um verdadeiro golpe. Contrariamente aos estatutos, o Núncio Apostólico, invocando a autoridade do Papa, sem que sua vontade tivesse jamais sido confirmada, impôs uma nova diretoria. Contra a vontade de todos impôs D. Eduardo Pironio como presidente do CELAM e A. López Trujillo como Secretário-Geral. (...) López Trujillo provocou uma ruptura radical na história do CELAM. Suprimiu todas as iniciativas e instituições criadas anteriormente pelo CELAM e imprimiu uma orientação contra Medellín<sup>23</sup>.

A ideia de uma nova conferência toma forma a partir de um embate de duas linhas opostas. Por um lado, o desejo de continuidade e aprofundamento de Medellín por parte dos “liberais” e, por outro lado, o desejo de um grupo “conservador” de desestruturar a segunda conferência. E neste momento, estando em maioria, os conservadores poderiam tirar vantagens.

<sup>21</sup> COMBLIN, 1999, p. 203.

<sup>22</sup> SAUVAGE, P.; CHEZA, M.; MARTINEZ, L.; SOUZA, A.; SAPPPIA, C. *Dictionnaire historique de la théologie de la libération*. Bélgica: Lessius, 2017. p. 34.

<sup>23</sup> COMBLIN, 1999, p. 208.

Entrementes, em 1975, realiza-se o Congresso de Teologia Latino-Americana na cidade do México (Encuentro Interamericano de teología, liberación y cautiverio. México, 1975), onde se deu a primeira manifestação pública de uma corrente teológica chamada Teoria da Libertação, que já vinha sendo divulgada pelo Instituto Pastoral Latino-Americano (IPLA – CELAM) e pela publicação, em 1971, do livro *Teología de la liberación*, de Gustavo Gutiérrez.

Se em Medellín a linha “conservadora” do CELAM era minoritária, em Puebla a situação se inverteu. Assustados com a repercussão de Medellín, os conservadores se articulam para evitar ao máximo seu avanço. Desta forma, no espaço de dez anos, articularam-se para a condenação da Teoria da Libertação, das CEBs e da CLAR (Confederação Latino-Americana de Religiosos) que, para eles, refletiam a interferência de religiosos(as) na política. Aliaram-se às classes dominantes latino-americanas, estabeleceram vínculos com governos de direita e acordos entre a “Igreja” e as forças armadas. E chegaram a Puebla como maioria, vencedores e triunfalistas<sup>24</sup>, anunciando a propaganda norte-americana contra a limpeza marxista na América Latina. Para eles, o marxismo estava na base da Teoria da Libertação, das CEBs e da CLAR. Denunciavam a ameaça de um cisma na Igreja, com a criação de uma Igreja popular (CEBs) dirigida por um magistério paralelo, que nunca foi efetivamente dito que fazia parte deste, mas que os possíveis candidatos eram os teólogos da libertação e os religiosos da CLAR.

A tensão se instaura em Puebla pelo pior ângulo possível, ou seja, o da ruptura de diálogo entre os dois grupos com marcas consolidadas: de um lado, a guerra contra o marxismo, claramente inexistente, e, por outro, a luta pela continuidade da libertação dos pobres e oprimidos do continente. Além dessas perspectivas, as preocupações também eram diferentes: de um lado, estavam a Comissão Trilateral e as escolas de formação norte-americanas para oficiais latino-americanos e, de outro lado, reunidos em comunidades, os pobres, preparando a história da América Latina.

Puebla terminou sendo marcada pela grande reação da Igreja ligada ao sistema vigente. À frente dessa reação, encontravam-se o Cardeal Baggio, futuro presidente da Conferência de Puebla, e López Trujillo, que assumiu a luta contra a CLAR e contra a Teoria da Libertação, centrando seus ataques quase pessoais a Luis Patiño (secretário-geral da CLAR e ex-colega de escola primária de Trujillo) e Gustavo Gutiérrez.

Na prática, Trujillo, através do CELAM, organiza reuniões, cursos e explicações sobre Medellín. Lançou temas de campanhas como: “A Teologia da Libertação é marxismo”, “A CLAR é magistério paralelo”, “As CEBs são igreja popular separada da hierarquia”<sup>25</sup>.

Em 1976, como grande sinal de poder de Baggio, acontece na Diocese de Riobamba a prisão de 17 bispos amigos de Leónidas Proaño, que foram levados para um quartel de Quito, entre os quais se encontravam o teólogo José Comblin e o argentino Adolfo Pérez Esquivel, Prêmio Nobel da Paz. Bravo Muñoz destaca: “Quem deu a ordem foi o general Ministro do Interior. Porém, soube-se depois, pela queixa dos generais equatorianos, que o Ministro agiu movido pela nunciatura apostólica”<sup>26</sup>.

Apoiando López Trujillo, não somente com ideias, mas também com financiamentos e a estrutura do CEDIAL (Centro de Estudos para o Desenvolvimento da América Latina) e da revista

<sup>24</sup> COMBLIN, 1999, p. 205.

<sup>25</sup> DUSSEL, H. De Medellín a Puebla. Una década de sangre y esperanza. México: CEE, 1979. p. 484.

<sup>26</sup> MUÑOZ, B. *El señor se fue, pero su sueño queda*. Quito, 1998. p. 137.

*Tierra Nueva*, encontrava-se em Bogotá desde 1970 o padre Roger Vekemans. O CEDIAL e a revista tinham por objetivo combater a Teologia da Libertação e Vekemans articulava pessoalmente o famoso triângulo Bogotá-Roma-Alemanha, este último contribuindo para campanhas de financiamento. Outro apoiador conhecido de Trujillo foi Frei Boaventura Kloppenburg, inicialmente divulgador do Concílio, que, posteriormente arrependido, passou a combater as CEBs e o Espiritismo.

Em 1976, quando da XVI Assembleia Ordinária do CELAM, em Porto Rico (de 30/11 a 05/12), o cardeal Baggio anunciou a decisão do Papa de convocar uma nova conferência cuja preparação seria entregue ao CELAM. Com essa nova tendência no comando, não se poderia esperar muito em favor da linha de Medellín. Logo de início, foram escolhidos peritos de linha mais conservadora, ao passo que teólogos e assessores das Conferências Episcopais foram impedidos de participar do evento. Ao final, por interferência do Cardeal Pirônio, somente a CLAR foi autorizada a participar. Em 1977, foi anunciado oficialmente o local da conferência, na cidade de Puebla de los Ángeles, e o CELAM se incumbiu de realizar o documento preparatório, que foi imediata e quase que unanimemente rejeitado pelos bispos.

No Brasil, a primeira reação de rejeição veio de D. Marcelo Carvalheira, então bispo auxiliar de João Pessoa. Em abril de 1978, a CNBB apresentou um documento de trabalho alternativo, revelando-se naquele momento como autêntica liderança do Episcopado no continente. As reações ao documento de trabalho, apresentado pelo CELAM, vieram do mundo todo (Espanha, EUA, França e Alemanha), a tal ponto que o CELAM se declarou alvo de uma conspiração<sup>27</sup>. Diante dessas manifestações, não houve outra possibilidade senão o recuo do CELAM e o arquivamento do documento apresentado inicialmente. Sob a direção do Cardeal Lorscheider, preparou-se o documento de trabalho que foi publicado em setembro, melhor do que o primeiro, mas que também não foi utilizado. Ao final, os participantes de Puebla tiveram de reiniciar o processo na conferência.

O acontecimento de Puebla se deu pela expectativa da chegada de João Paulo II e seu entorno midiático, que desembarcavam pela primeira vez na América Latina. Seus discursos e sua figura carismática tinham grande repercussão e isso ajudaria significativamente o grupo de Trujillo, apoiado por ele desde o início de sua formação. Em seu discurso de abertura, João Paulo II lança elementos abstratos sobre a Verdade (tema que ele vai perseguir futuramente, assim como seu sucessor Bento XVI). Nele apresenta elementos da Verdade sobre Cristo, sobre a Igreja e sobre o homem, dentro de sua ótica particular e retomando em seu conteúdo (por coincidência ou não) todas as acusações anunciadas publicamente por Vekemans e Kloppenburg. Na segunda parte do discurso, trata fundamentalmente da doutrina da *Evangelií Nutiandi* (PAULO VI, 1975) sobre a libertação integral. E dessa forma, ainda em Puebla, pôde-se utilizar a palavra libertação, que terminou por ser proibida em Santo Domingo.

O discurso do Presidente do CELAM, D. Aloisio Lorscheider (1975-1979)<sup>28</sup>, veio em sentido contrário, mantendo a linha de Medellín e relembrando as questões de pobreza e opressão nas quais ainda vivia o povo latino-americano. “Esse discurso reestabeleceu a confiança: Puebla não iria dedicar-se a denunciar principalmente heresias e desvios de doutrina. A tarefa

<sup>27</sup> COMBLIN, 1999, p. 205.

<sup>28</sup> LORSCHIEDER, A. L'évangélisation en Amérique latine. In: Bruno CHENU; Bernard LAURET. *Théologies de la Libération*. Documents et débats. Paris: Cerf/Centurion, 1985. p. 83.

prioritária era situar a Igreja perante a situação global da sociedade latino-americana<sup>29</sup>. Finalmente, em 29 de janeiro de 1979, teve início a conferência e, para a formação do quadro de organização dos trabalhos, venceu a linha liberacionista<sup>30</sup>. O grupo rejeitou o esquema de trabalho de Trujillo e foi adotado o esquema apresentado por D. Luciano Mendes de Almeida SJ, que se destacou como grande articulador de Puebla, constando de 4 temas e 21 comissões. Foi a primeira derrota de Trujillo.

A segunda veio pelo escândalo da publicação, no jornal independente *Uno más uno*, de uma carta de López Trujillo a seu amigo Luciano Duarte, de Aracaju (Brasil). Nela havia referências, com linguagem chula, a diversas pessoas importantes da Igreja da América Latina. Era um conteúdo inaceitável para um secretário-geral do CELAM. Comblin destaca que: “O fato é que, durante vários dias, Trujillo não apareceu nas reuniões, ficou confinado no seu quarto. Seja como for, seu prestígio fora ameaçado e sua liderança na assembleia, perdida. Muitos acharam que havia sido um acontecimento providencial<sup>31</sup>.”

Naturalmente, os textos que tiveram maior discussão foram os que estavam em linha com Medellín: os das comissões 1 (visão da realidade), 18 (sobre a questão dos pobres), 20 (construção de uma sociedade pluralista) e 21 (sobre a sociedade nacional e internacional), com destaque para o da comissão 18, que tratava da opção pelos pobres.

### 4.3. Continuidade e recepção de Puebla

Claramente, Puebla não relativiza Medellín, como era o desejado pela ala conservadora, mas mantém-se em linha com a segunda conferência e reforça suas opções e propósitos. Apesar de todas as tensões e conflitos, alcançou-se uma homogeneidade no documento que tem seu centro na manutenção da opção pelos pobres em todos os textos elaborados pelas comissões, em linha igualmente com a *Evangelii Nuntiandi*. As advertências de João Paulo II não foram consideradas e falou-se do tema de libertação ainda com mais ênfase. Para os teólogos proibidos de participar da conferência e sob ameaça de condenação, foi uma vitória a consagração da linha liberal em Puebla. Como diria José Comblin, “o empate em campo alheio é quase uma vitória<sup>32</sup>.”

Contudo, López Trujillo, que não conseguiu a condenação da Teoria da Libertação em Puebla, seguiu articulando com Roma e, cinco anos depois, saiu a primeira instrução do Cardeal Ratzinger<sup>33</sup>. Logo após a realização de Puebla, houve a Assembleia Ordinária do CELAM em Los Teques (Venezuela)<sup>34</sup>, com eleição para a presidência do conselho. Ficam confirmados

<sup>29</sup> COMBLIN, 1999, p. 205.

<sup>30</sup> Foram nomeados para essa comissão: McGrath do Panamá, Flores de Santo Domingo, Bambarén do Peru, Luciano Mendes de Almeida do Brasil e Laguna da Argentina. Salvo Laguna, os demais todos eram da ala liberacionista do CELAM.

<sup>31</sup> COMBLIN, 1999, p. 214.

<sup>32</sup> COMBLIN, 1999, p. 220.

<sup>33</sup> A CD da Fé pública dois documentos de censura à TdLib: *Alguns aspectos sobre a Teologia da libertação* (1984) e *Libertatis Conscientia* (1986). Em 09/04/1986, João Paulo II publica *Carta do Papa João Paulo II aos bispos da Conferência dos Bispos do Brasil*, afirmando que a TdLib “é oportuna, útil e necessária”. Os três documentos estão disponíveis em: [www.vatican.va](http://www.vatican.va).

<sup>34</sup> ALCALÁ, M. Théologie de la libération. Histoire, courants, critique, In: CHENU B. E LAURET B. *Théologies de la Libération*. Documents et débats. Paris: Cerf/Centurion, 1985, p. 11-35. Destaca o autor: “Toutefois peu après Puebla, lors de la XVII assemblée du Celam à Los Teques (Venezuela), on relance un courant critique

os nomes de López Trujillo como presidente, Luciano Duarte como vice-presidente e Antonio Quaraccino como secretário-geral.

Contudo, essa aparente vitória dos conservadores não conseguiu impedir a recepção de Puebla, realizada pelos mesmos teólogos, assessores excluídos da participação na conferência, agora chamados a dar formação sobre o documento. Em poucos meses, a opinião estava formada: Puebla era a confirmação de Medellín. Afirmar Clodovis Boff:

Na verdade, o avanço de Puebla a partir de Medellín é, antes de tudo, qualitativo: trata-se de uma reafirmação ou aprofundamento das posições teológico-pastorais lá assumidas, trata-se em seguida da generalização ou socialização das mesmas posições em nível de toda a Igreja latino-americana. O progresso se fez, pois, não tanto para frente, em termos de novas posições, mas para o fundo e para os lados<sup>35</sup>.

### Conclusão

Nesta reflexão histórico-teológica, quisemos destacar que, diante de todas as indecisões e dos acontecimentos eclesiais, históricos e políticos delicados, a força das conferências do CELAM, principalmente as de Medellín e Puebla, reside na expressão de unidade da colegialidade de seus participantes, razão pela qual elas puderam guardar e seguir a ação pastoral contextual e própria na América Latina e no Caribe.

Desde a constituição do CELAM, o enfoque da colegialidade ganhou importância essencial como uma maneira de agir, um espírito de ser e desenvolver a Igreja no continente. Certamente, é em Medellín que essa forma de atuação se amplifica e o exercício da sinodalidade pela colegialidade se afirma numa prática ambiental que afirma a Igreja latino-americana como “Igreja fonte”, e não mais como uma “Igreja-reflexo” da Igreja europeia. A consciência da nova identidade da Igreja latino-americana se constitui como base para o pensar e o agir no continente. A Igreja do CELAM em Medellín é em ato, ao lado e no interior da realidade latino-americana. A colegialidade nesse momento nasce a partir de dois princípios: o da pastoralidade estimulada por João XXIII, que historiciza a doutrina nos contextos em que a Igreja vive, age e realiza, e o da reformabilidade, que exprime o desejo de continuamente reformar, sem perder

---

contre la Nouvelle Théologie que se développe jusqu'à présent. Dans ce sens l'élection de A. López Trujillo comme président a dû sans doute grandement influencer ainsi que l'élection de l'évêque brésilien Luciano Cabral (Aracaju) comme premier vice-président du Conseil épiscopal latino-américain.

Ce dernier évêque est l'un des grands détracteurs de la T.L. Quant à López Trujillo, il accentuait ses critiques en un sens toujours plus précis. (...) D'autre part, des pressions de tous bords eurent pour effet de disqualifier des personnes. Cela eut pour résultat que certains théologiens organisèrent une réunion parallèle, ce qui provoqua de vives tensions. Dans le document final toute forme de critique disparut ou se trouva réduit à quelques allusions”. “No entanto, pouco depois de Puebla, quando da XVII Assembleia do Celam a Los Teques (Venezuela), se relançou uma corrente crítica contra a *Nouvelle Théologie* que se desenvolvia até o presente. Nesse sentido, a eleição de A. López Trujillo como presidente deve, sem dúvida ter influenciado grandemente assim que a eleição do Bispo brasileiro Luciano Cabral (Aracajú), como primeiro vice-presidente do Conselho Episcopal Latino Americano. Esse último bispo é um dos grandes detratores da TdLib. Quanto a López Trujillo, ele acentuaria suas críticas no sentido sempre mais preciso (...). De outra parte, as pressões de todos os lados tiveram por efeito desqualificar as pessoas. Isso teve por resultado que certos teológicos organizassem uma reunião paralela, o que provocou vivas tensões. Dentro do documento final, toda forma de crítica desapareceu ou se encontrará de forma reduzida a poucas ilusões”. (Nossa tradução)

<sup>35</sup> BOFF, C. Introdução à leitura das Conclusões de Puebla. In: *Puebla* n. 3, abril de 1979, Col. 143.

o que é próprio, o que deve ser reformado segundo as épocas, as circunstâncias e as estruturas. Medellín imprime o que é único: o trabalho em interação com as Igrejas locais e com os sujeitos que estão no seio da Igreja, considerando suas realidades concretas e estando a serviço da sociedade, e não unicamente da instituição mesma.

Ora, realizar a colegialidade em situação favorável é uma perspectiva. Contudo, analisando a história e os dados de Puebla, verificamos que se realizou a “colegialidade na adversidade”. Guardar o espírito de Medellín não era suficiente, ainda que imprescindível. Nesse sentido, podemos afirmar que esse exercício somente foi possível porque havia na base da conferência a consolidação de uma identidade nova, realizada no espaço de dez anos que separa os dois eventos. Capitaneada pelos organizadores McGrath (Panamá), Flores (Santo Domingo), Barbarén (Peru) e Mendes de Almeida (Brasil), que compunham a ala liberal da coordenação dos trabalhos, e também por Laguna (Argentina), que pertencia a ala mais conservadora, Puebla buscou responder às importantes inquietudes do momento e, de forma clara e repetida, destacou o profetismo de Medellín, a missão da Igreja na prática de libertação e no espírito de Jesus, bem como reimpulsionou o serviço da libertação no continente<sup>36</sup>.

Ao final, o movimento realizado pelos bispos em Puebla reflete a expressão de Paulo VI, na Carta *Octogesima Advenien*<sup>37</sup>:

Perante situações, assim tão diversificadas, torna-se-nos difícil tanto o pronunciar uma palavra única, como o propor uma solução que tenha um valor universal. Mas isso não é ambição nossa, nem mesmo a nossa missão. É às comunidades cristãs que cabe analisar, com objetividade, a situação própria do seu país e procurar iluminá-la, com a luz das palavras inalteráveis do Evangelho, a elas cumprir haurir princípios de reflexão, normas para julgar e diretrizes para a ação, na doutrina social da Igreja, tal como ela vem sendo elaborada, no decurso da história, e, especialmente, nesta era industrial, a partir da data histórica da mensagem de Leão XIII sobre ‘a condição dos operários’, da qual nós temos a honra e a alegria de celebrar hoje o aniversário. A essas comunidades cristãs incumbe discernir, com a ajuda do Espírito Santo em comunhão com os bispos responsáveis e em diálogo com os outros irmãos cristãos e com todos os homens de boa vontade – as opções e os compromissos que convém tomar, para realizar as transformações sociais, políticas e econômicas que se apresentam como necessárias e urgentes, em não poucos casos. Nesta procura diligente das mudanças a promover, os cristãos deverão, antes de mais nada, renovar a sua confiança na força e na originalidade das exigências evangélicas. O Evangelho, de fato, não está ultrapassado, pela circunstância de ter sido anunciado, escrito e vivido, num contexto sociocultural diferente. A sua inspiração, enriquecida pela experiência vivente da tradição cristã, ao longo dos séculos, permanece sempre nova, em ordem à conversão dos homens e ao progresso da vida em sociedade, sem que por isso se possa chegar a utilizá-la em favor de opções temporais particulares, esquecendo a sua mensagem universal e eterna (OA, 4).

## Referências

AGOSTINI, N. *As conferências episcopais*. São Paulo: Santuário, 2007.

<sup>36</sup> OLIVEROS, R. Historia de la Teología de la Liberación. In: ELLACURÍA Ignacio; SOBRINO Jon (org.), *Mysterium Liberationis. Conceptos fundamentales de la Teología de la liberación*, t. 1. Madrid: Editorial Trotta, 1990, p. 43.

<sup>37</sup> PAULO VI, 1981, nr. 4.

- ALCALÁ, M. Théologie de la libération. Histoire, courants, critique, In: CHENU B. E LAURET B. *Théologies de la Libération*. Documents et débats. Paris: Cerf/Centurion, 1985, p.11-35.
- ANTON, A. *Conferencias episcopales. ¿Instancias intermedias? El estado teológico de la cuestión*. Salamanca: Sígueme, 1989.
- BRIGHENTI, A. *A Igreja e a colegialidade*. As conferências episcopais nacionais à luz do Vaticano II. Disponível em: <http://intranet.redeclaretiano.edu.br>. Acesso em: 20/12/2018. p. 55-71.
- \_\_\_\_\_. *Raízes da epistemologia e do método da Teologia da Libertação*. O método ver-julgar-agir e as mediações da teologia latino-americana. Tese de doutorado. Louvain-la-Neuve, Université Catholique de Louvain, 1993.
- BOFF, C. Introdução à leitura das Conclusões de Puebla. In: *Puebla* n. 3, abril de 1979, Col.143.
- BORRAS, A. Sinodalità ecclesiale, processi partecipativi e modalità decisionali. In: SPADARO, A; GALLI, C. (eds.). *La Reforma e le riforme nella chiesa*. Brescia: Querinianna, 2016. p. 212-215.
- COMBLIN, J. A Igreja e os carismas segundo São Paulo. In: *Movimento*. Também somos Igreja, Santiago, 2009.
- COMBLIN, J. Puebla vinte anos depois. *Perspectiva Teológica* 31, p. 201-222, 1999.
- COMBLIN, J. Le thème de la libération dans la pensée chrétienne latino-américaine. *Revue nouvelle*, p. 560-574, mai-jun 1972.
- CONGREGAÇÃO PARA DOCTRINA DA FÉ. Alguns aspectos sobre a teologia da libertação (1984). Disponível em: [www.vatican.va](http://www.vatican.va).
- CONGREGAÇÃO PARA DOCTRINA DA FÉ. Libertatis conscientia (1986). Disponível em: [www.vatican.va](http://www.vatican.va).
- GALILEA, S. Exemple d'une réception "sélective" et créative du concile : l'Amérique latine aux conférences de Medellín et de Puebla. In: ALBERIGO, G.; JOSSUA J-P. *La réception de Vatican II* (Collection Cogitatio fidei 134). Paris: Cerf, 1985. p. 85-103.
- DUSSEL, H. De Medellín a Puebla. Una década de sangre y esperanza. México: CEE, 1979. p. 484-490.
- GUTIÉRREZ, G. El principio de subsidiaridad y la igualdad radical de los fieles. *Ius Can* 11, p. 437-443, 1971.
- JOÃO PAULO II, Carta do Papa João Paulo II aos bispos da Conferência dos Bispos do Brasil. Disponível em: [www.vatican.va](http://www.vatican.va).
- LAGORRETA, J. Las conferencias episcopales en el debate teológico conciliar. *Revista Iberoamericana de Teología*, vol. VII, nr. 13, p. 31-55, jul-dez, 2011.
- LORSCHIEDER, A. L'évangélisation en Amérique latine. In: Bruno CHENU; Bernard LAURET. *Théologies de la Libération*. Documents et débats. Paris: Cerf/Centurion, 1985. p. 83-88.
- MALLEY, F. Les enjeux de la théologie de la libération. In: LADRIÈRE, P; LUNEAU, R. (dir). *Retour de Certitudes*. Événements et orthodoxie depuis Vatican II. Paris: Le Centurion, 1987.
- MANZATTO, A. As primeiras conferências do CELAM. *Vida Pastoral*, p. 3-8, jul-ago de 2006, p. 3-8.
- MOINGT, J. *Faire bouger l'Église*. Paris: DDB, 2012.
- MICCOLI, G. *Le pontificat de Jean-Paul II*. Un gouvernement contrasté. Bruxelles: Lessius, 2012.
- MUÑOZ, B. *El señor se fue, pero su sueño queda*. Quito, 1998.

- OLIVEROS, R. Historia de la Teología de la Liberación. In: ELLACURÍA Ignacio; SOBRINO Jon (org.), *Mysterium Liberationis. Conceptos fundamentales de la Teología de la liberación*, t. 1. Madrid: Editorial Trotta, 1990. p. 17-50.
- PAULO VI, *Exortação apostólica Evangelii Nuntiandi*, publicada em 08/12/1975. Disponível em: [www.vatican.va](http://www.vatican.va).
- PAULO VI, *Carta apostólica Octagesima Adveniens*, de 14/05/1971. Disponível em: [www.vatican.va](http://www.vatican.va).
- SAUVAGE, P.; CHEZA, M.; MARTINEZ, L.; SOUZA, A.; SAPPPIA, C. *Dictionnaire historique de la théologie de la libération*. Bélgica: Lessius, 2017.

Submetido em: 27/07/2020

Aprovado em: 31/05/2023